



Análise de conteúdo: um estudo da editoria Mundo de Zero Hora¹

Mayura Leal (1) mayuraleal@yahoo.com.br
Hélio Afonso Etges (2) helioetges@yahoo.com.br

(1) Graduada em Comunicação Social - Jornalismo, UNISC.

(2) Professor, Me. Hélio Afonso Etges, Departamento de Comunicação Social, UNISC.

Resumo

Devido à importância das notícias internacionais na vida e, principalmente, no jornal impresso, esse trabalho teve por finalidade estudar, interpretar e analisar o conteúdo jornalístico das notícias internacionais veiculadas no Jornal Zero Hora, de Porto Alegre.. Utilizou-se 32 matérias, publicadas entre os dias 15 e 22 de setembro de 2005. Foram feitas tabelas a partir do método proposto por Laurence Bardin (2002). As tabelas foram divididas em dois grupos: quantidade de vezes que as palavras referentes à *editoria internacional* aparecem em cada texto e a divisão por assuntos abordados na editoria internacional nesse período. A divisão dessas expressões, classificadas como palavras na análise realizada, propôs verificar se a informação veiculada é clara, utiliza fontes e dados que esclareçam o leitor quanto ao conteúdo da informação.

Palavras-chave

Jornalismo internacional; análise de conteúdo; agências de notícias.

INTRODUÇÃO

Informação. Essa é a palavra-chave para o jornalismo. É ela quem abastece, esclarece, move a profissão. O jornalismo tem papel preponderante na sociedade. Ele envolve o leitor, emociona e esclarece. Mais ainda o jornalismo impresso, na editoria internacional. Assim, o país tem uma conexão com o mundo. Através das notícias, dos fatos narrados o leitor se situa frente ao cenário internacional.

A relevância das notícias internacionais foi a base dessa pesquisa que teve por finalidade analisar o conteúdo jornalístico das notícias internacionais veiculadas no Jornal Zero Hora, de Porto Alegre. Também se propôs verificar a linguagem utilizada nas matérias internacionais e estudar a história do jornalismo internacional, das agências de notícias, além do jornalismo impresso por si só.

Foram usadas 32 matérias da editoria Mundo do Jornal Zero Hora, publicadas entre os dias 15 e 22 de setembro de 2005. A partir do método proposto por Laurence Bardin (2002) foram elaboradas tabelas. As tabelas foram divididas em dois grupos: quantidade de vezes que as palavras referentes à *editoria internacional* aparecem em

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Júnior

cada texto, incluindo o *Pelo Mundo*, que é uma série de notas sobre assuntos variados, que foi considerado texto único; e a divisão por assuntos abordados na editoria internacional nesse período. Assim, pôde-se observar os temas mais tratados nessa editoria e a forma como foram colocados.

A divisão dessas expressões, classificadas como palavras na análise realizada propôs constatar a relevância dessas notícias para o contexto social do país e analisar como elas são trabalhadas quanto ao seu conteúdo jornalístico.

1 PROFISSÃO JORNALISMO

O jornalismo remete a maneira pela qual a notícia chega ao público. Bahia (1990) descreve a profissão como sendo a prática de “apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, idéias, acontecimentos e informações”. Esse processo condiz ao planejamento da matéria, a produção e à divulgação do fato. Bond (1962) diz que o jornalismo designa “todas as formas nas quais e pelas quais as notícias e seus comentários chegam ao público”. O autor ainda acrescenta uma conceituação do jornalista da revista americana *Time*, Eric Hodgins: “Jornalismo é a transmissão de informação, de um ponto a outro, com exatidão, penetração e rapidez, numa forma que sirva à verdade e torne aquilo que é certo evidente aos poucos, quando não imediatamente” (BOND, 1962, p.15).

Além das obrigações primordiais de informar, orientar, entreter e interpretar, o jornalista tem como prioridade transmitir a informação de forma clara e concisa, proporcionando ao leitor a versão do fato, evitando manifestar suas opiniões e posicionamentos. Porém, a relação entre o fato e o repórter envolve o aspecto humano, social e ideológico do jornalista.

Na visão de Amaral (1996), a atividade jornalística é essencialmente subjetiva em todas as suas fases de produção.

Há subjetividade em todas as fases do seu trabalho na corrida diária pela notícia: na determinação da pauta, na maneira como vê os fatos, na escolha dos testemunhos, na redação da matéria, tem que optar pelo que lhe parece mais importante para o *lead* e menos importante para o fim. (AMARAL, 1996, p. 51)

Essa atividade é aplicada a partir da versão dos fatos. Para isso, são utilizadas fontes (oficiais ou não) que servem de alicerce para a construção da notícia. Esse processo de produção deve levar em consideração o interesse da população.

1.1 Fontes

Em geral, as matérias jornalísticas são produzidas a partir de informações adquiridas por personagens ou instituições que têm relação com o fato. Esses componentes são denominados de fontes.

Lage (2003) explica que apenas depois da Segunda Guerra Mundial é que as fontes começaram a receber treinamento para desempenhar a sua função. Antes desse período, os jornalistas ouviam funcionários públicos, dirigentes de empresas e se deslocavam aos mais diversos lugares para entrevistar pessoas envolvidas em determinado evento. O treinamento das fontes, que surgiu após esse período, foi decorrente da propagação das assessorias de imprensa, que passaram a ser as intermediadoras desses personagens, ou seja, auxiliavam as fontes para que falassem o que convinha para a empresa ou organização a que pertenciam.

Nesse processo da informação, há uma distância entre o fato e a sua versão, divulgada pelo jornalista nos meios de comunicação. O espaço que existe é o da percepção do jornalista que se propõe a divulgar determinado acontecimento. O papel da fonte nessa consideração é primordial, pois a sua intenção vai contribuir para o resultado da matéria. A fonte vai assegurar, na sua versão, aspectos que contemplem os seus interesses individuais ou coletivos dentro da organização ou instituição que representa.

1.2 Pauta

A pauta, em geral, é o primeiro planejamento da edição do jornal. Ela vai indicar fontes, orientar a distribuição de espaço, fatos, enfim, vai ser a base para a construção das matérias. Esse planejamento é visto como forma de organizar o veículo, no que remete a espaço, custos e diminuir os esforços colocados em matérias que não terão resultado de produção. Possibilita também a pesquisa, que auxilia e contribui na qualidade do resultado final da informação (LAGE, 2003).

1.3 A notícia

Pereira Júnior (2003, p.64) conceitua a notícia como “uma forma de ver, perceber e conceber a realidade”. Para o autor, a informação ganhou mais importância devido à concepção de Schudson (1996) de que um cidadão bem informado tem mais condições de exercer a democracia.

De encontro à concepção de Pereira Júnior, Bond (1962) não considera a notícia como um acontecimento, mas o relato do mesmo. Pois, apesar de não ser um relato de inverdade, o mesmo não representa o acontecimento real e, sim, uma versão do fato.

Motta apud Mouilland (2002, p.307) procura explicar o conceito de notícia com uma frase muito conhecida de Amos Cummings, que diz: “se um cachorro morde um homem, não é notícia, mas se um homem morde um cachorro, é notícia”. De acordo com essa definição, a notícia remete à anormalidade, o que foge ao comum, ao habitual. Entretanto, constantemente é evidenciado que a anormalidade não é critério para definir o que é notícia.

1.4 Editorias

A função principal das editorias é organizar a distribuição das matérias nas páginas do jornal. Os jornalistas são designados para trabalhar em editorias específicas para aperfeiçoar a cobertura nas mais diversas áreas.

2 AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

As agências de notícias são responsáveis por difundir informação para os veículos de comunicação em qualquer parte do mundo. Bond (1962) define agências de notícias como “uma organização para reunir e distribuir notícias” para os veículos de comunicação. Fornecem informações em atacado para os mais diversos países do mundo.

O amplo sistema de comunicações e desenvolvimento da tecnologia faz com que uma grande gama de notícias chegue nos mais diversos locais com rapidez. Amaral pontua a ação das agências de notícias:

elas atuam como empresas de relações públicas dos países a que pertencem, e não lhes custa nada facilitar a entrega do material. Através delas os países de origem vendem sua política, seus produtos,

seu modo de vida. Além de barato, o noticiário chega sempre à redação a tempo e a hora. (AMARAL, 1978, p.123)

As agências de notícias trabalham com correspondentes e sucursais, proporcionando informações variadas para os veículos de comunicação sem custos de enviar correspondentes para o local dos fatos (AMARAL, 1978).

2.1 Objetividade Jornalística

Marcondes Filho (2002, p. 110) utiliza o conceito de Kant para definir a objetividade, no qual diz que ela é “uma representação correta da realidade. O ideal da objetividade propõe que os acontecimentos sejam separados dos juízos de valor do jornalista e que seja transmitido ao público as notícias em uma “linguagem neutra”. Entretanto, os obstáculos para que isto seja possível começam quando se considera que o repórter tem suas convicções, idéias e preconceitos, pois se encontra inserido na sociedade que noticia. Não se pode excluir isso na hora de cobrir um acontecimento. Desta forma, não é possível que a reportagem seja imparcial.

Melo (1985) utiliza Clóvis Rossi e Robert Cirino para explicar a questão da mitificação da objetividade. Clóvis Rossi atribui ao jornalismo a tarefa de conquistar “mentes e corações”. Nesse aspecto, a objetividade da imprensa norte-americana aplicada nas publicações brasileiras a qual deveria deixar para o leitor tirar suas próprias conclusões do fato, para Rossi é impossível. Ele se baseia no fato de que entre o acontecimento e a produção da matéria existe o jornalista munido de influência cultural e visões de mundo.

O jornalismo internacional trata constantemente com temas que são polêmicos como guerras, atentados, fenômenos que causam impacto na população mundial. Nesses casos e mesmo em outros, o ideal de objetividade fica comprometido.

3 JORNALISMO INTERNACIONAL

O jornalismo internacional está relacionado com fatos que fogem a fronteira do país à qual o jornal pertence. Pena (2005) define algumas características desse tipo de jornalismo: objetividade, pouco detalhamento e ‘tensão’ nos assuntos abordados nas notícias. Segundo o mesmo autor, no Brasil, os assuntos mais abordados estão relacionados aos Estados Unidos devido a grande influência que possui no cenário

internacional. Também se pode ressaltar o Oriente Médio com presença constante nesse tipo de noticiário devido aos atentados terroristas e conflitos entre árabes e israelenses.

O leitor desse tipo de notícia é diferenciado. Ele faz parte de um grupo menor da população, mais exigente. Ele possui interesses mais metropolitanos. Levando em consideração que as notícias internacionais se diferenciam de um escândalo de corrupção, por exemplo, pode-se considerar que o entendimento dessas matérias de cunho internacional se dá a partir de um esclarecimento prévio da situação de determinado país e conhecimento dos fatos anteriormente relatados. Devido a isso também essas informações atingem menor parte da população.

O jornalismo internacional tem como característica constante o uso de agências de notícias como base na produção e edição das matérias veiculadas na editoria. A maioria dos jornais utiliza esse serviço na obtenção dessas notícias. Isso torna as páginas dos diversos jornais semelhantes a partir do uso das mesmas informações vindas das mesmas agências. A mudança de alguns aspectos como título e tamanho são o que diferenciam a publicação de determinados assuntos dessa editoria em variados jornais. (PENA, 2005)

Sobre jornalismo internacional Pena (2005) diz que

Os principais clichês do jornalismo internacional são a sua característica massificadora e tendenciosa. No jornalismo internacional é muito comum observar que os jornais publicam informações muito semelhantes às dos seus concorrentes. Mais uma vez devido à coleta de informações ser feita por agências e publicações estrangeiras. Isso acaba criando um círculo de fontes iguais utilizadas para veículos diferentes. (PENA, 2005, p. 121)

A solução proposta por Pena (2005) para que as notícias não sejam tão semelhantes e tendenciosas seria ter correspondentes no exterior. Entretanto, nem sempre é possível ter correspondentes devido ao alto custo que implica aos jornais. O conteúdo oriundo das agências tem rapidez e baixo custo (AMARAL, 1978).

4 ANÁLISE DO CONTEÚDO JORNALÍSTICO

A análise de conteúdo, segundo a definição de Bardin (2002) é “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se

aplicam a discursos” (BARDIN, 2002, p.9). Esse método se aplica ao discurso, ou seja, a tudo que transmite uma mensagem. Pode ser aplicado em entrevistas, matérias de jornais, em imagens de filmes, enfim, qualquer forma de comunicação, seja verbal ou não-verbal.

Esse processo pode ser dividido em três fases. A primeira delas é a pré-análise que consiste em estipular um programa de ação, ou seja, organizar documentos de análise, formular as hipóteses e objetivos que baseie a interpretação final. A segunda fase consiste na exploração do material de análise. Nesse momento, o que foi feito na pré-análise é aprofundado, codificado em função de definições previamente estabelecidas. O último momento é a interpretação dos resultados obtidos. Nessa fase permite-se estabelecer resultados, descobertas através das informações obtidas pela análise.

Na codificação do material, Bardin (2002) divide essa fase em escolha das unidades de registro, que compete ao recorte do material escolhido para análise, seleção dos critérios de enumeração (contagem) e a escolha das categorias (agrupamento de elementos de mesma classe ou grupo). A escolha da unidade de registro remete a determinado segmento de elemento que foi proposto analisar. Ela pode ser palavra, tema ou frase. A palavra não possui critério de distinção, remete a qualquer coisa, ou seja, qualquer expressão pode ser levada em consideração. Podem ser analisadas as palavras-chave, ou as palavras-tema ou simplesmente fazer uma análise de apenas uma categoria de palavras: substantivos, adjetivos, advérbios, etc. O tema já corresponde a um assunto, ele se liberta do texto analisado. Pode ser recortado em idéias, significados.

As escolhas das regras de enumeração podem ser divididas em diversos tipos. Um deles é a presença ou ausência de elementos. A presença pode funcionar como indicador, significativa. A ausência pode significar uma idéia escondida, bloqueamentos. Isso é comum nos discursos de pessoas públicas. Tanto um quanto o outro produz significado no discurso. A frequência da unidade de registro analisada transparece que determinado elemento tem maior ou menor importância que outro. Ao se considerar todos os elementos como igualitários, as unidades de registro que mais aparecerem têm mais importância, mais valor. A intensidade remete ao valor que determinado elemento vai ter: ela pode ser avaliada através dos tempos verbais (futuro, imperativo, condicional), dos adjetivos, advérbios de modo e atributos qualitativos, etc. Bardin (2002) define a direção como desfavorável, favorável ou neutra. A ordem de registro também tem papel decisivo nessa análise. Se um elemento aparece antes que

outro isso pode significar favorecimento a determinado sujeito. A co-ocorrência é o uso simultâneo das determinadas unidades de registro, denotando associação mútua de ambos.

Esse tipo de análise pode ser feita através da escolha de temas (categorias). Podem-se agrupar categorias de palavras como verbos, pronomes, adjetivos pelo sentido que denotam no contexto. Agrupam-se essas palavras pelo sentido que exercem na frase. Por exemplo temas que indiquem guerra podem ser reunidos, pois tratam de um mesmo assunto.

No período de pré-análise foram selecionados temas ou palavras que transmitissem algum significado ao texto. Foram selecionados índices que causaram questionamentos e que possuem relevância no contexto das matérias. A análise foi baseada em temas ou palavras que tiveram constante repetição no discurso. Esse foi o índice norteador da pesquisa que analisou somente verbos, adjetivos e substantivos. A avaliação foi feita através de tabelas que foram dispostas da seguinte forma: à esquerda constam as palavras e à direita a frequência que aparecem nos textos, a fim de responder os questionamentos propostos pela pesquisa.

No período de pré-análise foram formuladas hipóteses que seriam avaliadas na análise propriamente dita:

- a) Todas as palavras são conhecidas pelo leitor;
- b) As matérias internacionais contemplam todos os lados da notícia;
- c) Se as palavras forem postas em um contexto isolado da matéria em que foram veiculadas, elas possuem o mesmo sentido;
- d) As palavras analisadas trazem novas informações ao leitor ou apenas repetem o que já foi dito;
- e) Todas as fontes utilizadas são mencionadas na matéria.

Esse estudo consiste em analisar a frequência com que as palavras são utilizadas a fim de descobrir o sentido proposto pela comunicação, se a frequência da utilização das palavras pode ter determinada significância no contexto de análise escolhido. A importância da frequência de utilização das palavras, ou seja, da unidade de registro, aumenta com a aparição no discurso.

Na fase de exploração do material foi feito o recorte, a contagem ou enumeração desse material, considerando apenas a frequência de aparição das unidades de registro, das palavras.

4.1.1 A editoria Mundo em ZH

Em maio de 1964 surgiu o jornal Zero Hora, cujo editorial denominava: “*nasce hoje um novo jornal. Autenticamente gaúcho. Democrático. Sem compromissos políticos. Nasce com um único objetivo: servir ao povo, defender seus direitos e reivindicações, dentro do respeito às leis e às autoridades*” (CUNHA NETO, 2002, p.21).

A editoria Mundo ocupa um espaço pequeno no jornal, em média, apenas duas páginas por edição. Outras seções, como política ou geral, ocupam em média dez páginas diárias. Segundo Cunha Neto (2002) as decisões sobre o que deve ser divulgado na editoria Mundo de Zero Hora cabe exclusivamente ao editor Luciano Peres. Em geral, são consideradas a proximidade geográfica e importância geopolítica do fato. Quase todo material é oriundo de agências de notícias.

O jornal Zero Hora assina os serviços do jornal americano *The New York Times* e das agências de notícias *France Press (AFP)*, *Reuter(R)* e *Associated Press (AP)*. O espaço destinado à editoria Mundo e sua estrutura colocam em debate a relevância que o noticiário internacional possui nos veículos locais. (CUNHA NETO, 2002)

Na divisão por assunto o que mais se destacou foi o referente ao tema furacão (tabela 1).

TABELA 1 - Matérias que abordaram o assunto Furacão (Quantidade: 8)

Palavra	Quantidade
furacão	51
ontem	19
atingir	17
ventos	15
reconstrução	13
região	13
tempestade	10
retirada	9
devastada/devastadora	9
pessoas	9
ameaçar	7
destruir	7
força	7
inundações	6
presidente	6
evacuar/evacuação	6
plano	5
vítimas	5
matar	5
alertar	5

Palavra	Quantidade
emergência	5
discurso	5
lenta reação	5
guerra no Iraque/Iraque	4
críticas/criticado	3
desabrigados	3
país	2
desastre	2
refugiados	2
catástrofe	2

Na TABELA 1 constaram as palavras usadas nas oito matérias que abordaram o tema furacões. O termo mais usado foi furacão que apareceu cinquenta e uma vezes. Na sequência a expressão ontem, dezenove vezes; o verbo atingir dezessete, ventos; quinze; reconstrução e região, treze vezes cada. O vocábulo tempestade foi repetido dez vezes e as palavras retirada, devastada/devastadora e pessoas, nove vezes cada. A tabela mostrou que a palavra ameaçar,destruir e força foram usadas sete vezes cada; assim como inundações, presidente, evacuar/evacuação, seis vezes cada. Plano, vítimas, matar, alertar, emergência, discurso e lenta reação foram repetidas cinco vezes cada. A expressão guerra no Iraque/Iraque foram usadas quatro vezes; críticas/criticado, desabrigado, três vezes cada. As usadas em menor quantidade foram país, desabrigados,desastre e catástrofe; usadas duas vezes cada uma.

RESULTADOS

Para análise foram utilizadas 778 palavras (verbos, adjetivos e substantivos) inseridas no contexto do noticiário internacional. Na análise pode-se constatar que a palavra mais citada foi furacão, apareceu 51 vezes nas oito matérias que abordavam esse assunto e seis vezes fora desse contexto. O termo apareceu em média seis vezes em cada um dos oito textos que abordavam o tema. O tópico teve maior destaque na editoria Mundo no período analisado na Zero Hora, com uma média de uma matéria por dia e só igualando o número com a coluna Pelo Mundo, considerada texto único na análise. O termo furacão repetiu uma média de seis vezes em cada texto, o que é excessivo. Em seguida, a palavra mais citada foi Alemanha/alemães , trinta e uma vezes nas quatro matérias que abordaram o assunto, e três vezes fora desse contexto. Isso representa uma média de 7,7 palavras por matéria. O termo ontem foi usado trinta e sete vezes nos

textos. Na sequência, a expressão país foi repetida vinte e nove vezes no contexto das trinta e duas matérias. Considerando que sua repetição não atingiu o número de uma por matéria, o termo não se tornou repetitivo. Na ordem tem-se Iraque, vinte e cinco repetições; presidente, vinte e três; morrer, vinte e dois; terrorismo, dezesseis; e, guerra, doze vezes. Além da repetição dessas dentre outras palavras, pode-se verificar o uso excessivo de adjetivos, descasso quanto à identificação das fontes de informação e verbos no futuro do pretérito. A utilização desse tempo verbal no contexto jornalístico se torna sinônimo de “desinformação”.

CONCLUSÕES

A intenção era investigar se a informação veiculada na editoria *Mundo de ZH* transmitia a mensagem de forma clara ao leitor, se ouvia todas as fontes envolvidas no fato e verificar como eram trabalhadas as informações oriundas de agências de notícias. Com o transcorrer da pesquisa foram sendo desvendados alguns aspectos. Na análise pode ser evidenciada uma clara desconsideração com o conteúdo veiculado nesse espaço. Além de não atender alguns critérios como clareza, precisão e objetividade, o texto da editoria Mundo deixa ao leitor muitas dúvidas. Ao reler determinados textos chega-se à conclusão que, em grande parte dos casos, o que é transmitido é a “desinformação”, ou seja, o espaço ocupado para esclarecer o leitor não cumpre seu papel. É dita a mesma informação diversas vezes de diferentes formas. Evidenciaram-se aspectos significativos que implicaram na qualidade do conteúdo jornalístico produzido nessa editoria. Os leitores por vezes não percebem que essas informações podem não ter a função meramente informativa e que existe toda uma estratégia de transmissão por trás de determinada notícia. Considerando também os aspectos analisados como adjetivação, gerundismo e ocultação de fontes, pode-se perceber que as suposições transmitidas nos textos trazem conteúdo informativo reduzido.

O conteúdo não é claro, prejudicando o entendimento do leitor. Isso vem a contradizer com alguns conceitos estudados e despertar interesse para novos estudos nessa área que ainda é deficiente em produções científicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Luiz. *A Objetividade Jornalística*. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.



- _____. *Jornalismo matéria de primeira página*. Fortaleza: Tempo Brasileiro, 1982.
- _____. *Técnica de jornal e periódico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; INL, 1978.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica. História da imprensa brasileira*. São Paulo: Ática, v. 2., 1990.
- _____. *Jornal, História e Técnica. As técnicas do Jornalismo*. São Paulo: Ática, 1990. Volume 2.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOND, F. Fraser. *Introdução ao jornalismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1962.
- CUNHA NETO, Júlio de Castilhos Sarubbi da. *Os atentados terroristas aos Estados Unidos nas páginas de Zero Hora: uma análise de discurso*. Monografia (graduação) - Universidade de Santa Cruz do Sul - Curso de Comunicação Social Habilitação Jornalismo, 2002.
- GUIA DO TERCEIRO MUNDO. Rio de Janeiro: Terceiro Mundo, 1984.
- LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2003
- _____. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 1993.
- _____. *Linguagem jornalística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo. A saga dos cães perdidos*. 2. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- MELO, Marques de. *Para uma leitura crítica da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- MOUILLAND, M.; PORTO, S. (org.). *O jornal: Da forma ao sentido*. Brasília: Editora unb, 2002.
- NATALI, João Batista. *Jornalismo Internacional*. São Paulo: Contexto, 2004.
- PENA, Felipe. *1000 perguntas. Jornalismo*. Rio de Janeiro: ed. Rio, 2005.
- _____. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.
- PEREIRA JR, Alfredo Eurico Vizeu. *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo*. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2001.
- PRESSER, Adriane. *Conteúdo jornalístico do texto policial: estudo de caso o informativo Vale do Taquari*. Monografia (graduação) - Universidade de Santa Cruz do Sul - Curso de Comunicação Social Habilitação Jornalismo, 2003.